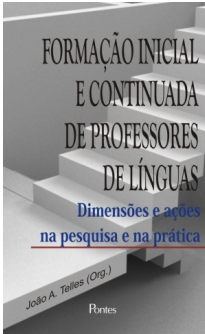


RESENHA



TELLES, João A. (Org.) *Formação inicial e continuada de professores de línguas*. Dimensões e ações na pesquisa e na prática. Campinas: Pontes, 2009.

Elaine **MATEUS** *

Déborah Caroline Cardoso Pereira **RORRATO** **

Constituída por dez artigos divididos em quatro partes, a coletânea organizada por Telles reflete aspectos como tecnologia, linguagem, políticas públicas e identidade na formação inicial e continuada de professores de línguas, como sugere o próprio autor, em seu título.

Professor e pesquisador na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Telles reúne nesse livro artigos de diferentes autores retratando pesquisas, projetos, práticas de pesquisadores e professores de línguas.

A parte inicial do livro, intitulada *O desenvolvimento continuado de professores mediado por recursos tecnológicos* possui dois artigos. O primeiro, *Formação continuada Online para Professores de Inglês: uma experiência de integração entre docência, pesquisa e extensão*, postula que “o ensino de língua estrangeira tem sido uma área negligenciada na educação brasileira” (p. 15) e acredita na importância da integração entre extensão, pesquisa e docência para preencher essas lacunas. Para isso, a autora, Heloisa Collins, relata o desenvolvimento de um curso o qual foi favorecido pelo uso de novas tecnologias e beneficiou a interação e a reflexão crítica de seus membros.

* Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/ University of California San Diego. Em 2013 concluiu pós-doutorado em Linguística, junto à Universidade de Brasília. Contato: mateus@uel.br.

** Mestranda em Estudos da Linguagem na Universidade Estadual de Londrina. Bolsista Capes. Contato: deborahccp@hotmail.com.

O capítulo subsequente, escrito por Rosinda Ramos e Maximina Freira, *ESPTec: formação de professores e multiplicadores de ensino-aprendizagem de inglês instrumental para o sistema de educação profissional de nível técnico*, contextualiza o projeto referido no título do texto e traz em seu referencial aspectos da abordagem instrumental, da formação crítico-reflexiva e da formação tecnológica do professor (uma vez que esses são os eixos deste projeto), pensando, sobretudo, na formação docente.

A segunda parte do livro *A linguagem e o desenvolvimento continuado de professores* é iniciada com o capítulo de Fernanda Liberali e Maria Cecília Magalhães – *Formação de professores e pesquisadores: argumentando e compartilhando significados*. Neste, as autoras indicam a contribuição da formação continuada dos professores e da linguagem como “constituente da consciência de cada ser humano” (p. 43), sinalizando ainda a complexidade da produção negociada de significados e a relevância da colaboração para tal.

Continuando no aspecto da linguagem, o quarto capítulo *Pesquisas em linguagem: o que elas revelam sobre um projeto de educação continuada*, parte do pressuposto de que a linguagem é “duplamente entendida como mediadora da reflexão e como instrumento de trabalho” (p. 67) nesse contexto da linguística aplicada. Adotando Freire (1996), as autoras Deise Prina Dutra e Heliana Mello creem que “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino” (p. 71). Este trabalho também se atenta à integração da extensão, ensino e pesquisa, bem como o desenvolvimento reflexivo dos professores e aspectos vistos em outros capítulos, quais sejam: reflexão e colaboração.

Na terceira parte do livro, *Desenvolvimento de professores, políticas públicas e ação social*, Telles inicia com o capítulo cinco: *Formação prescrita e formação irrealizável de professores de línguas: alguns dilemas de uma escola inclusiva*. Neste estudo, Angela Lessa e Sueli Fidalgo afirmam que não há um número suficiente de professores especializados para atender os educandos com necessidades especiais. E mais, acreditam que os educadores sofrem da “síndrome do abandono” (p. 89) diante de tantas problemáticas enfrentadas em seu trabalho. As autoras argumentam que a educação pública brasileira, ao ignorar a participação de pais e alunos na educação, assume “ares de assistencialismo” (p. 91).

Diante das atuais manifestações frente ao dilema do fechamento das escolas especiais e da recolocação desses alunos no ensino regular, este artigo se faz interessante por tratar de dados e informações a respeito da situação das políticas de inclusão educacionais no Brasil e da realidade dos professores em atuação.

O sexto capítulo, *Diversidade étnico-racial: histórias de professores de línguas*, também trata de questões políticas nacionais, marcando-as com o ensino de língua estrangeira, o qual vai além dos aspectos específicos da língua, atingindo questões da diversidade étnico-racial e inclusão social. Aparecida de Jesus Ferreira pontua nesse seu artigo a necessidade dos cursos de formação de professores olharem por essa ótica, uma vez que, segundo a autora, havendo cursos que incentivem a troca de experiências entre professores e que os levem a refletir sobre a diversidade dos alunos, haverá a possibilidade de mudança desse paradigma.

Adiante, o capítulo *Rompendo barreiras em um projeto de aprendizagem sem fronteiras*, contextualiza o desenvolvimento histórico da formação de professores até a “chamada virada sócio-histórico-cultural” (p. 119), a qual marca a formação de professores não mais como um processo individual e autônomo, mas “sócio-historicamente situada e culturalmente distribuída” (p. 122). Reforçando a ideia do ensino colaborativo, das práticas emancipatórias e a ressignificação identitária dos professores, Kilda Gimenez e Elaine Mateus defendem ainda que um ensino eficiente é fruto de relações e não de métodos e que “o processo de aprendizagem é mais socialização do que treinamento” (p. 134). As autoras também revelam que, mesmo frente a desafios, uma experiência de um trabalho colaborativo integrando pesquisa, ensino e extensão foi capaz de promover a vivência encontrada na teoria sócio-histórico-cultural.

O capítulo 8, *Por uma tipologia de projetos de formação continuada de professores de inglês*, Telma Gimenez reflete a questão da sobreposição da pesquisa em detrimento à extensão no contexto universitário, mesmo diante do entendimento de que ambas deveriam andar juntas. Diante disso, a autora procura apresentar projetos de extensão e pesquisa relacionados ao ensino de língua inglesa em diferentes estados brasileiros, bem como contribuir para a elaboração de uma tipologia de projetos.

A última parte do livro, *Identidade, reflexão e histórias profissionais de professores*, inicia com o estudo de Solange de Castro: *O projeto aprendendo e ensinando línguas: construindo a relação com a teoria na prática de futuros professores de línguas*, o qual novamente expõe a importância da integração entre ensino, extensão e pesquisa, dessa vez focando nas experiências de um projeto. Questões de linguagem, aprendizagem, natureza colaborativa e identidade também fazem parte do referencial teórico.

Por fim, o artigo escrito por Paula Szundy, *Construção do conhecimento sobre a futura prática pedagógica: reflexões de alunos-professores sobre um projeto de prática*

de ensino de língua inglesa, pauta-se em documentos oficiais para retratar a ação de licenciandos que fizeram uso de sequências didáticas e foram incentivados à reflexão-crítica da sua prática e do outro.

Como se faz ver nessa síntese, este livro traz, de maneira geral, a preocupação com a formação dos professores e, diante disso, o reflexo na educação dos próprios alunos da educação básica, assim como de licenciandos. Tendo em vista o grande número de pesquisas atuais que denunciam a evasão de graduandos nos cursos de licenciatura e o desapontamento de profissionais atuantes na área de educação, esse trabalho nos serve de apoio e incentivo para uma autorreflexão crítica do ser professor.

A obra nos reforça a ideia de que o ensino de línguas vai além das especificidades da língua, abrangendo questões de cidadania, colaboração, inclusão, letramento, reflexão, emancipação, entre tantos outros.

Sem dúvida, a leitura desta coletânea se faz interessante para professores nos diversos níveis da educação, para que possam, ao refletir sobre a *práxis*, aprimorar seu conhecimento e, assim, sua prática profissional, pois, como afirma Szundy no último capítulo do livro, “o conhecimento só tem importância na sua projeção nas relações sociais, pois nenhum homem é uma ilha” (p. 181).

Recebido em: 19/11/2013

Aceito: 01/06/2014